

MAFALDA ENTRA NO PEC-PLE¹

MAFALDA ENTERS THE STUDENT AGREEMENT PROGRAM FOR PORTUGUESE AS A FOREIGN LANGUAGE (PEC-PLE)

DOI:10.47677/gluks.v26i02.604

Recebido: 19/05/2026

Aprovado: 25/08/26

Lílian Ramires Costa²
Mônica Baêta Neves Pereira Diniz³

RESUMO: O presente artigo aborda o uso de HQ da Mafalda (Quino), gênero textual escolhido em mais de um idioma, inicialmente, para elaboração de atividades integrantes de Unidades Didáticas (UD) no âmbito do curso preparatório do Programa de Estudantes-Convênio de Português como Língua Estrangeira (PEC-PLE) voltado àqueles que se submeterão ao exame Celpe-Bras. Visando à aprovação de estudantes “pequianos”, os professores os preparam equitativamente nas quatro habilidades, nas quais aqueles serão avaliados, devendo alcançar um nível Intermediário (mínimo) para obterem a certificação. Metodologicamente, algumas atividades são sugeridas – com a temática aniversário – no universo dos quadrinhos/das tirinhas da Mafalda e, a partir desse início, são propostos alguns percursos para o trato com a diversidade no ensino-aprendizado desse grupo específico, abrangendo espaços tanto interna quanto externamente à instituição acolhedora. A aprendizagem significativa (Moreira, 1999c), o Documento-base do exame Celpe-Bras (Brasil, 2020) e o emprego de HQ na escola (Carvalho; Ribeiro, 2018) são alguns dos aportes teóricos, com a respectiva discussão dos frutos dessa apropriação no âmbito do PEC-PLE. Portanto, didática, criativa e ludicamente, os docentes, desde os primeiros dias com o público afim, podem empregar no planejamento de suas aulas a UD proposta, visando alcançar uma aprendizagem exitosa.

PALAVRAS-CHAVE: Programa de Estudantes-Convênio de Português como Língua Estrangeira, História em quadrinho, Preparatório, Celpe-Bras.

Considerações iniciais

A área do ensino de português para estrangeiros mudou nos últimos anos, fazendo parte das mudanças a alteração do nome, como por exemplo, Português Língua Adicional

¹ Programa de Estudantes-Convênio de Português como Língua Estrangeira.

² Pontifícia Universidade Católica. Doutora em Linguística e em Língua Portuguesa. Servidora Pública Estadual aposentada. lalacosta50@gmail.com

³ Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Doutora em Estudos Linguísticos. Servidora Pública Estadual aposentada. mobanepezinid@gmail.com

(PLA). Esta terminologia foi trazida por autores do sul do país (Schlatter; Garcez, 2009), e é a que vem sendo utilizada também em outros estados brasileiros, como por exemplo, em Minas Gerais. Entretanto, Português Língua Estrangeira (PLE) permanece e, inclusive, é encontrado em documentos oficiais como a Portaria Interministerial 07/2024 do Ministério da Educação (MEC) e do Ministério das Relações Exteriores (MRE)⁴, cuja ementa é: “Regulamenta a operacionalização do Programa de Estudantes-Convênio na modalidade de Graduação – PEC-G e de Português como Língua Estrangeira – PEC-PLE, de que trata o Decreto nº 11.923, de 15 de fevereiro de 2024.”. Tais alterações foram surgindo no entorno às práticas que, igualmente, se inovaram, expandiram, circularam territórios e uniram docentes em vários países. Os termos desse Decreto 11.923/2024 são:

Art. 1º Este Decreto dispõe sobre o Programa de Estudantes – Convênio – PEC, ferramenta de política externa e de apoio à internacionalização em casa das instituições de educação superior participantes, destinado a ampliar o horizonte cultural dos brasileiros e a fomentar as relações bilaterais com os países com os quais a República Federativa do Brasil tenha firmado acordo de cooperação educacional, cultural ou científico e tecnológico.

§ 1º O PEC constitui conjunto de atividades e procedimentos de cooperação educacional internacional, complementar a outras iniciativas, com base nos acordos bilaterais vigentes.

§ 2º O PEC caracteriza-se pela formação e pela qualificação de estudantes estrangeiros, por meio de oferta de vagas em cursos de língua portuguesa, de graduação ou de pós-graduação **stricto sensu** em instituições de educação superior brasileiras.

§ 3º O PEC envolve previsão de retorno do estudante-convênio ao país de origem ao fim do curso ou, no caso de cursos com estágios obrigatórios e atividades supervisionadas, sempre que possível, em momento imediatamente anterior à respectiva conclusão.

Art. 2º São modalidades do PEC:

I – o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação – PEC-G;

II – o Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação – PEC-PG; e

III – o Programa de Estudantes-Convênio de Português como Língua Estrangeira – PEC-PLE (grifo no original).

Há estudantes que proporcionam aos docentes uma prática diária, que vai muito além do “momento-sala-de-aula”, pois levam estes últimos a prepararem também materiais

⁴ Disponível em:

<https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-interministerial-mec/mre-n-7-de-4-de-junho-de-2024-563765846>.

Acesso em: 16 ago. 2026.

didáticos, em que pese a existência de inúmeros livros didáticos afins. Essa elaboração se efetiva sobretudo quando se trata de preparar os estudantes que vêm de diversos países, vinculados pelo PEC-PLE.

Esses estudantes vêm para, após uma preparação no que diz respeito à língua/cultura brasileira, prestarem o exame Celpe-Bras, elemento imprescindível para que garantam o bom uso da vaga acadêmica, que lhes foi previamente destinada, dentro do Programa de que fazem parte.

Alguns aspectos que extrapolam o “momento-sala-de-aula” são as interações entre os docentes e os discentes, pois são residentes no Brasil. Os momentos de interação e as práticas de conversação são utilizados pelos professores para a ambientação com os domínios nos quais estão mergulhados, envolvidos no curso preparatório e, inclusive, após a realização do exame Celpe-Bras; e, caso haja aprovação, até mesmo durante o curso que farão, conforme se pode entrever na UD proposta adiante.

Sabe-se, por vir assim expresso no Documento-base do Celpe-Bras (Brasil, 2020, p. 67-68), que os níveis de proficiência são quatro, quais sejam, Intermediário, Intermediário Superior, Avançado e Avançado Superior, com suas particularidades/características e adequados ao desempenho escrito e oral de cada estudante/candidato.

Para serem bem preparados esses estudantes, há que se lançar mão de uma variedade de gêneros textuais, de materiais autênticos, entre os quais, não poderiam faltar as histórias em quadrinhos (HQ), com suas variações (quadrinhos, tirinhas, charges), que são imprescindíveis, conforme comprovam Carvalho e Ribeiro (2018), sobre a importância do bom uso delas didaticamente.

Em um traçado histórico mundial trazido na obra escrita a quatro mãos, Carvalho e Ribeiro (2018, p. 51) dão conta que

[e]m outubro de 1940, o psicólogo americano e inventor do polígrafo William Moulton Marston publicou uma coluna na qual defendia o potencial educativo das HQ, fato que chamou a atenção da empresa All-American Comics, que prontamente o convidou a trabalhar como consultor de suas obras.

Também as atividades extra classe possibilitam a continuidade do processo de ensino/aprendizagem; excursões, visitas a museus, idas a bibliotecas, livrarias, compras de

lanche, pedidos de alimentação para o almoço e outras afins têm estreita ligação didática com as tirinhas de Mafalda, pois o não verbal tem um peso essencial na obra de Quino, principalmente nas expressões da personagem-menina. Assim, ícones e símbolos aos quais se está exposto no dia a dia podem ser observados e, nesses tipos de atividades, de forma lúdica, prazerosa, trabalha-se com eles, em sala de aula, com os estudantes.

Em face dessas características e da relevância, é feito um recorte que é trazido neste artigo: as tirinhas da Mafalda, voltadas especificamente à comemoração (sob vários aspectos) de aniversário, de uma forma geral, em mais de uma língua (traduções a partir do espanhol, língua oficial do autor Quino), para sugerir, com propriedades diversas, o emprego desse material voltado ao público afim, anteriormente especificado: estudante do PEC-PLE, independente do nível em que se encontre [o detalhamento dos quatro níveis pode ser conferido nas páginas 67 e 68 do Documento-base do exame Celpe-Bras (Brasil, 2020)].

A temática escolhida, nas tirinhas da Mafalda, parece ingênua e simples, por ser apenas a menção às comemorações de aniversários; entretanto, abre um leque de opções de aproximações de circunstâncias cotidianas e comuns na cultura brasileira, permitindo conversações sobre o social, o mundo do trabalho, as questões políticas e religiosas imbricadas nas novas relações dos alunos. E ainda, a possibilidade de lhes trazer conhecimentos sobre o âmbito burocrático, entre outros, os quais em muito auxiliarão a evitar transtornos e a orientar acerca da vida futura que terão que enfrentar.

Dito isso, a personagem Mafalda e respectivo autor são apresentados a seguir, em que pese serem já bastante conhecidos.

Quem são Quino e Mafalda

No prefácio intitulado “Quino, gênio do nosso tempo”, na obra Quino (2022) cujo título é *Mafalda*: nesta família não há chefes, de acordo com palavras da prefaciadora Vera Iaconelli, Joaquim Salvador Lavado Tejón, o artista Quino, nasceu na província de Mendoza, Argentina, aos 17 de julho de 1932, tendo vivido 88 anos (1932/2020). Desenhista e criador da personagem Mafalda, deu vida a ela em 1963, procurando atender a uma proposta profissional do desenvolvimento de uma campanha para uma marca de eletrodomésticos, que pedia um nome para a personagem iniciado com a sílaba Ma, em referência ao nome da empresa: Mansfiel.

O nome foi retirado de uma cena do filme intitulado *Dar la cara*⁵; a campanha foi cancelada e a personagem-menina veio a público como *cartoon* em 29 de setembro de 1964 e “viveu” até 25 de junho de 1973, quando seu autor decidiu acabar com as publicações referentes a ela.

Quando foi concebida, Quino atribuiu a ela o papel de *enfant terrible*⁶ porque idealizou uma personagem que fosse capaz de questionar, ato impedido pela censura argentina, imposta por um governo autoritário no período de 1964 a 1973.

E assim é Mafalda, conforme destaca a prefaciadora Vera Iaconelli: surpreendente pela atualidade de suas formulações, incansável em seus questionamentos incessantes, diligente na luta contra a insistente tendência humana de se alienar, questionadora de tudo que parece naturalizado e disposta a nunca compactuar com valores com os quais não concorda.

Importância das HQ no âmbito didático

Para Vergueiro (2013) *apud* Carvalho e Ribeiro (2018, p. 50), “[o] surgimento de uma plataforma própria, chamada de *comic books* – ou gibis, no Brasil – ampliou bastante o consumo das HQ e [auxiliou] na sua popularização”. Considera-se esse um passo importante para que viessem a ser utilizadas de forma didática as HQ, ou seja, migrassem do entretenimento (por si só) para o uso didatizado em suas variadas formas de ensino-aprendizado. Em paridade com as produções do mercado nacional, chegaram ao público (em geral) também tirinhas estrangeiras, traduzidas ao português, como é o caso da Mafalda, do Quino.

Ao se buscar recursos didáticos para oferecer aos alunos os meios de ler e produzir texto, que se coadune ao exame de proficiência, que por eles será prestado (o Celpe-Bras), entende-se que o estudo das HQ é uma ferramenta eficaz por sua atualidade e pelo gosto que a maioria das pessoas/alunos tem por elas, diante de uma diversidade de temas nelas abordados, o que se considera um facilitador para o ensino do idioma português. Esse é um viés que perpassa todo o trabalho do PEC-PLE. Carvalho e Ribeiro (2018) corroboram o entendimento acerca do uso didatizado das HQ.

⁵ Filme de José Martínez Suárez, lançado em 1963.

⁶ Criança terrível (tradução das autoras).

O principal motivo para o sucesso da inserção das HQ no ensino se dá pelo simples motivo de que é um gênero que faz parte, há muito tempo, do cotidiano de crianças e jovens. Possui uma leitura prazerosa e dinâmica, onde qualquer assunto a ser tratado pode ser interpretado mais facilmente (Carvalho; Ribeiro, 2018, p. 80).

Como as atividades que extrapolam a sala de aula têm um certo peso no processo de aprendizagem dos alunos, criando oportunidades para o efetivo uso da língua em contextos comunicativos e sociais reais, Carvalho e Ribeiro (2018) continuam alicerçando a compreensão sobre a utilização das HQ para as inúmeras situações do dia a dia desse aluno tanto sob o prisma individual quanto em sua vida em sociedade.

[A]s atividades que suscitem a produção de HQ em sala de aula não devem se centralizar apenas nos elementos temáticos do gênero, mas na relação de todos os elementos que compõem as HQ, verbais e não verbais, levando também em consideração os diversos contextos comunicativos nos quais este gênero é utilizado, permitindo ao aluno que construa seu projeto de dizer, selecionando as ferramentas necessárias. Além disso, a multimodalidade presente nas HQ facilita e estimula as práticas de leitura e escrita, uma vez que o contato com esse gênero textual, visto pelos alunos como leve e agradável, possibilita uma maior intimidade com o ato de ler e produzir texto (Carvalho; Ribeiro, 2018, p. 82).

Está sendo dado enfoque para a área de interesse, o PEC-PLE, mas não se pode esquecer que o universo da HQ extrapola (e muito) esse campo, sendo produtivo seu emprego em diversas disciplinas, conforme destacam Carvalho e Ribeiro (2018).

Não se pode deixar de salientar também como favorável à relação entre HQ e ensino a inserção dos quadrinhos nos livros didáticos de diversas disciplinas, principalmente no início dos anos 90, a partir de sua legitimação como objeto de ensino (Carvalho e Ribeiro, 2018, p. 80).

Lincando este ao próximo bloco deste artigo, é trazida a Mafalda em várias línguas, para se tecer comentários sobre a importância dessa atividade que é proposta.

Mafalda fala(da) em várias línguas

Nesta seção, descrevem-se os passos iniciais (o “quebra-gelo”) para a aplicação de uma UD, que será apresentada em seção posterior (até o pós-aula).

A heterogeneidade de grupos discentes, leva à dúvida, em certos momentos, se todos compreendem da forma desejada, aquilo que lhes é ensinado, sobretudo no início do curso PEC-PLE. Sendo assim, a paciência é o elemento crucial para a persistência no ensino-aprendizagem. Além desses elementos, a experiência que se vai alcançando cotidianamente, destaca a importância da valorização de cada estudante *per si*, para que o grupo todo saia beneficiado.

Visando, inicialmente, essa valorização individual, é interessante permitir aos estudantes que mostrem sua língua de alfabetização (que pode ou não coincidir com a/as materna/s) para todos que integrem seu grupo e a equipe em geral. Isso pode ser facilmente realizado com a leitura de um quadrinho e/ou uma tirinha da Mafalda (Quino), com conteúdo próximo ou praticamente o mesmo (no recorte feito é trazida a temática “aniversário”), para oportunizar aos estudantes expressarem – após sua leitura do quadrinho ou da tirinha no idioma que lhe foi ofertado (preferencialmente coincidente com sua capacidade leitora) – sua compreensão daquilo que leu (no verbal e, também, no não verbal).

Não bastasse, é bom ressaltar que “(no) encontro dialógico de duas culturas [...] um sentido só revela as suas profundezas encontrando e contatando o outro, o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de *diálogo* que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas” (Bakhtin, 2017, p. 19).

Há que se possibilitar aos estudantes, em quaisquer fases do preparatório para a realização do exame Celpe-Bras, fazerem uma leitura de quadrinho ou tirinha, com compreensão ampla, ou seja, com uma *aprendizagem significativa*.

Moreira (1999c, p. 53) quando fala de Novak, traz interessante definição do que vem a ser *aprendizagem significativa* (título da obra daquele autor). “[A] predisposição [para aprender], juntamente com a estrutura cognitiva adequada e o significado lógico dos materiais educativos [...], é condição indispensável para a aprendizagem significativa”, ou seja, proveitosa, real, dotada de fato de significação.

Portanto, a *aprendizagem significativa* é algo imprescindível, mesmo que os estudantes ainda se encontrem bastante iniciantes no que diz respeito à língua portuguesa. Isso contudo não representará obstáculo para a prática cotidiana, embora se saiba que “[...] a facilitação da *aprendizagem significativa* em sala de aula está longe de ser trivial” (Moreira, 1999c, p. 112, grifo das autoras), ainda que o estudante tenha em mãos algo na sua língua de

domínio (ou de alfabetização), quando do início do curso PEC-PLE, como os exemplos que são dados a seguir.

Em Carvalho e Ribeiro (2018), a partir da metade da obra são trazidas excelentes contribuições para a realização de trabalhos afins, as quais são compostas de forma a ser descrito e, igualmente, analisado cada quadrinho ou tirinha individualmente. Face a isso, tal metodologia será seguida nesses moldes e, a cada quadrinho ou tirinha, por elas denominado(a) de *vinheta*, é trazido o material que foi selecionado de Mafalda (Quino), nessa mesma ordem, qual seja, descrição e a respectiva análise. A seguir, tais materiais são apresentados em espanhol, italiano, francês, inglês (e, na seção consecutiva, em português), a título de exemplificação.



IMAGEM 1 – Mafalda (em espanhol).

Fonte: <https://es.pinterest.com/ideas/cumplea%C3%B1os-mafalda/919927037480/>. Acesso em: 15 maio 2026.

Trata-se de um plano total, no qual não há preocupação em representar o cenário em detalhes, não sendo possível, portanto, que se perceba a maioria de seus detalhes, uma vez que o foco se concentra na personagem (ou nas personagens) que se mostra(m) envolvida(s) no acontecimento, que é retratado ou destacado, conforme expressam Carvalho e Ribeiro (2018, p. 65).

Na imagem 1 é possível ver a personagem Mafalda carregando um bolo enorme (três níveis), de aniversário, fato esse corroborado pela frase no balão de fala da personagem, a encimá-la: “¡Feliz cumpleaños!” [Feliz aniversário! (tradução das autoras)]. Tanto a

personagem quanto o respectivo bolo estão coloridos. A personagem traz as cores que lhe são comuns: fita vermelha no cabelo, vestido e meias vermelhas, blusa branca, sapatos pretos. O rosto representa contentamento, felicidade, que se expressa pelo traço que esboça um sorriso de boca fechada. Os olhos estão bem abertos, como se as pupilas estivessem dilatadas.

O bolo, embora traga um certo colorido, mostra majoritariamente uma cor neutra, com destaque apenas para os desenhos, que representam corações, que são em número de três e na cor vermelha, seguidos, superiormente, por uma pequena guirlanda verde, colocada ao pé da vela única, que se mostra vertical, com uma representação de chama (acesa), estando mais superiormente na iguaria típica de festejo de aniversário (no topo, enfim).

Pela imagem, tão somente, não é possível que se depreenda se o aniversário referido é o da própria personagem Mafalda, por ocasião dos 60 anos de sua criação por Quino, ou seja, em 2024 e, portanto, quatro anos após o falecimento de seu criador. Ou se, por outro lado, a personagem estaria felicitando ao seu criador. Todavia, que se trata de um aniversário, não há dúvida, porque a frase é típica e o bolo é o quitute tradicional da ocasião.



IMAGEM 2 – Mafalda (em italiano).

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/496451558922747030/>. Acesso em: 15 maio 2026.

Para esta imagem 2, é dado destaque aos aspectos em que ela diverge da imagem 1. A personagem Mafalda tem meias brancas, em lugar de vermelhas. O bolo que carrega nas mãos teve alteração nas cores e no trato dos detalhes da base, bem como superiores, coloridos de forma harmônica e que lhe favorecem o merecido destaque enquanto confeito. A guirlanda, na imagem 2, ainda que aposta ao pé da mesma vela, que encima o bolo, recebeu cor vermelha. Os corações na porção inferior a essa guirlanda, na imagem em apreço estão na cor roxa.

Quanto ao verbal da imagem 2, comparativamente à imagem 1, é mais expressivo e, de imediato, destaca-se que a felicitação em italiano: “Buon Compleanno!” [Feliz aniversário! (tradução das autoras)] vem inferiormente à frase maior e significativa em termos culturais, qual seja: “Sai de essere vecchio quando le candeline costano più della torta.” [Você sabe que está ficando velho quando as velas custam mais do que o bolo. (Tradução das autoras)].

Embora traga um aspecto cultural a frase associada ao não verbal, nota-se uma inconsistência, a saber: “velas” (*le candeline*) no plural, pois a imagem representa uma vela isolada e destacada no topo da terceira, última e mais superior parte do grande bolo de aniversário.



IMAGEM 3 – Mafalda (em francês).

Fonte: <https://www.bienpublic.com/loisirs/2014/04/20/bon-anniversaire-mafalda>. Acesso em: 15 maio 2026.

Nesta imagem 3, a personagem Mafalda se mostra trajada como na imagem imediatamente anterior. Entretanto, a enorme abertura da boca expressa um grito, um desespero, vésperas de um choro forte, que ainda não eclodiu, já que não há representação de lágrimas. Todavia, o verbal trazido no balão, que expressa a fala da personagem, ao mostrar grafados quatro pontos de exclamação ao final de “C’est mon anniversaire!!!!” [É meu aniversário!!!! (Tradução das autoras)] deixa expressa, de forma irrefutável, a insatisfação da personagem. A mão esquerda fechada, pronta para desferir um soco, também demonstra insatisfação, raiva. Praticamente uma “birra”. Seria pela ausência do bolo de aniversário? Este quitute não foi trazido nesta imagem e, quiçá, causou tanta indignação e revolta.



IMAGEM 4 – Mafalda (em inglês).

Fonte:

<https://elsoldemargarita.com.ve/posts/post/id:223165/Mafalda-celebr%C3%B3-55-a%C3%B1os-de-su-primer-publicaci%C3%B3n>. Acesso em: 15 maio 2026.

A imagem 4 é diferente das três que a antecederam no sentido de estar representada sem as cores observadas anteriormente. Nela, tem-se uma personagem Mafalda esbanjando alegria pela expressão do primeiro movimento, mais à esquerda, pela representação centralizada com a língua para fora, e, por fim, o volteio na porção à direita (fica de costas). É notada a presença de uma representação de um rádio (no canto inferior direito), o qual provavelmente toca alguma canção e, com isso, desencadeou tamanha motivação/alegria. E, óbvio, também a presença do verbal superiormente, “Happy Birthday!” [Feliz aniversário! (tradução das autoras)]. Depreende-se que a personagem gosta de fazer aniversário e se diverte, ainda que esteja sozinha (lembre-se que os 60 anos da sua criação se completaram 4 anos após o falecimento de seu criador!). Em que pese não ter uma guloseima nas mãos, Mafalda tem música e baila sozinha (os riscos representativos de movimento estão presentes na imagem; a sola do sapato está visível na figura à direita), deixando, inclusive, os cabelos soltos, dispersos e não compactos como costumeiramente. A alegria também é captada pelos risquinhos representando os olhos fechados, somando-se a eles a linha da boca com as curvaturas voltadas para cima.

Após as respectivas leituras, é interessante o(a) docente pedir aos estudantes, que as fizeram de cada quadrinho ou tirinha, para que as releiam, descrevam, enfim, as apresentem e, depois, façam a comparação das diferenças, ou seja, do que percebe(ra)m que uma imagem

tem, mas a outra não. Isso pode ser uma atividade de prática oral muito interessante e proveitosa.

Em seguida a esse momento de quadrinhos/tirinhas em línguas de domínio dos estudantes, pode-se começar a discussão propriamente, versando sobre o mesmo gênero (HQ), porém, desta feita, já na língua portuguesa, foco primordial em se tratando de um curso PEC-PLE, ou seja, o preparatório para os estudantes que farão o exame de proficiência (Celpe-Bras).

Mafalda fala e é compreendida em língua portuguesa

Conforme já dito em seção anterior, nesta será trazida uma UD com potencial de replicação.

A personagem é “falante nativa” de espanhol, como citado anteriormente. Entretanto, “fala” e é compreendida em várias línguas pelo mundo. Interessa de perto, especificamente, quando ela se apresenta e dialoga em língua portuguesa, uma vez que os estudantes “pequianos” precisam passar por um exame de proficiência e nele serem aprovados no nível Intermediário – minimamente – para ingressarem nas respectivas universidades (ou institutos) que os acolherão.



IMAGEM 5 – Mafalda (em português).

Fonte: <https://x.com/LojaCulturaNerd/status/57707304271667200>. Acesso em: 15 maio 2026.

Inicia-se pela marca d'água (pano de fundo desfocado) que representa uma história em quadrinhos com a personagem Mafalda, havendo várias “falas” em português, algumas das quais passíveis de uma recuperação de conteúdo, o qual se percebe que é politizado e com teor de protesto por situações vivenciadas.

A tirinha mais superior na marca d'água traz o amigo Filipe em diálogo com Mafalda. Tem aspectos de política internacional em jogo no conteúdo dos balões. O objeto representativo de um rádio se faz presente, mas está em plano inferior em relação às personagens (como se estivesse no chão). Mas o que de fato chama a atenção é o balão do último quadrinho, apontado como fala da Mafalda, tipicamente de protesto: “O que me surpreende é que haja vida **neste planeta**.” (grifo no original). Além de ser uma fala de protesto, mostra, igualmente, um engajamento e uma opinião consolidada quanto à situação no/do planeta Terra; que importa Marte ser um planeta no qual se possa viver? O que surpreende a personagem é a Terra, devido às condições em que os humanos a deixam.

Ainda na marca d'água, a tirinha centralizada, composta por cinco quadrinhos, tem prejudicada a compreensão de seu teor, devido à sobreposição do quadrinho principal e, por conseguinte, nesse conjunto, em primeiro plano, a saber, o não verbal, composto especificamente pela personagem Mafalda, à esquerda, de pé, frontalmente, em posição de “menina bem comportada”, expressando um ar de contentamento, boca semiaberta e com as linhas de extremidade voltadas para cima (alegria), olhos bem redondos e o nariz vermelho (de frio? De emoção? Afinal, é aniversário dela!). As vestes e acessórios são os que tradicionalmente se vê na personagem em apreço. Diferente apenas a estampa no vestido.

Quanto ao verbal, posiciona-se à direita, a palavra “PARABÉNS,” e vem grafada em caixa alta, seguida de uma vírgula para o devido destaque do vocativo: “Mafalda!”. As cores para as palavras são, respectivamente, preta e vermelha. O ponto de exclamação dá ênfase ao cumprimento e, por se tratar de um vocativo, destaca, também, a interlocução aí travada.

A tirinha inferior, ainda na marca d'água, compõe-se de três quadrinhos e, neles, a personagem Mafalda demonstra uma compreensão que pode ser dita como “truncada”, em relação à palavra “chamada”, mas na verdade, o que se pode ler por detrás do que se encontra no último balão, fala da personagem, é uma crítica ou uma ironia(?) em relação à não existência de paz no mundo, ainda que o Papa a peça.

Interessante que se observe que o que subjaz (ao momento de festejo, de aniversário, de parabenização), não tem cor, mas a festa, a alegria, sim. Uma representação de relevância para ensinar aos estudantes a fazerem leituras mais consistentes de tirinhas, quadrinhos ou HQ que, eventualmente, surjam no exame Celpe-Bras (principalmente na prova oral, onde são usados elementos provocadores da sustentação dos 20 minutos de conversação). Portanto, um investimento na construção de uma proficiência consistente.

Por proficiência, em sintonia, por uma questão de necessidade de adequação óbvia, àquilo que preceitua o Documento-base do exame Celpe-Bras, é trazido o conceito, a seguir compartilhado. Mais precisamente em seu tópico 2.2 “O que é proficiência no Celpe-Bras” (Brasil, 2020, p. 26), na sequência desse tópico, na p. 27, encontra-se esse conceito:

O Celpe-Bras [...] não tem como base, para a definição do seu nível mais alto de proficiência, o falante nativo idealizado. A proficiência, conforme o construto do Exame, é sempre relativa, isto é, apresenta níveis definidos de acordo com as necessidades de uso futuro da língua. Em vez de uma única proficiência, o Celpe-Bras avalia vários níveis de proficiência, que levam em conta as especificidades e necessidades da situação de uso da língua em contextos diversos. Assim, a proficiência é sempre definida localmente, por ser situada em contextos de uso, em determinada prática social. Em outras palavras, alguém que deseja se alinhar à noção de proficiência avaliada pelo Celpe-Bras deve se perguntar: proficiência para quê? Em que situação? Com que interlocutores? Sobre qual tema? (Scaramucci, 2000).

Depois que a atividade leitora nas respectivas línguas maternas (ou de alfabetização) é realizada – a título de um “quebra-gelo” –, o tema aniversário está no ar. Momento ímpar para se pedir que os alunos anotem no quadro o dia, o mês e o ano de nascimento (este último, facultativo). Pode ser feito um quadro, a partir do docente, com as informações que nortearão o preenchimento a ser feito pelos discentes. Assim:

NOME	DIA DO “NIVER”	MÊS	ANO (?)	IDADE (?)
Professor (a) Fulano (a)	07	Outubro	x	x
Monitor (a) Beltrano (a)	24	Março	2002	24 anos
Aluno (a) Cicrano (a)	16	Junho	2005	20 anos
x	x	x	x	x

QUADRO 1 – Aniversariantes da turma do curso PEC-PLE (ano “X”).

A partir do preenchimento de um quadro como esse, com os dados de aniversário de todos da turma, vários aspectos culturais podem ser discutidos, como por exemplo, o fato de algumas mulheres – na cultura brasileira – não gostarem de informar o ano de nascimento e, por conseguinte, darem a conhecer a idade que têm. Aproveitar para abordar outros aspectos como, por exemplo, a idade escolar no país, dentro dos vários ciclos estudantis etc.

Tão logo a lista de aniversariantes esteja pronta, sugere-se que ela fique afixada na sala de aula e, periodicamente, sejam lembrados os aniversários que se avizinham. Pode haver uma comemoração semanal ou mensal, a depender dos interesses do grupo. A montagem da festa de aniversário poderá ser motivo para a preparação dos “comes e bebes”. Um vídeo sobre como fazer brigadeiro pode ser levado antecipadamente para a aula (em lugar de se ter uma aula “gramaticalista”, discutindo o imperativo!). Várias páginas na internet, sobre culinária, trazem de forma bastante didática como se faz brigadeiro. Portanto, um vídeo curto pode ser mostrado, pedindo aos estudantes que façam anotações dos ingredientes e do modo de fazer, enquanto assistem. Tal modelo vai facilitar ação semelhante na prova escrita do exame, que os estudantes prestarão após o curso preparatório.

Pode ser planejada e executada uma aula fora da sala de aula, especificamente para a feitura dos brigadeiros. Para se cozinhar, é preciso que se tenha os ingredientes. Uma compra deles poderá ser feita coletivamente; uma “vaquinha” pode ser proposta para a aquisição dos itens necessários. Tudo isso é aula! Embora os estudantes não se deem conta de imediato dessa realidade.

Para além dos festejos, ou seja, preparar a festa propriamente pode envolver vários encontros e inúmeros aspectos culturais de forma lúdica e prazerosa – festa essa começada lá no início com as tirinhas da Mafalda –, como por exemplo, aprender a cantar “Parabéns pra você” e permitir que os estudantes cantem também nas respectivas línguas, pode ser um momento ímpar no curso preparatório.

Se tem festa de aniversário, tem que ter presente! Não é comum o poderio econômico imperar nas turmas do PEC-PLE; ao contrário. Muitos estudantes têm sérias restrições financeiras. Como presentear o(a) colega de turma nesse quadro – aparentemente desolador – já que alguns itens, como uma garrafinha de água para levar todos os dias para a aula pode desarranjar o parco orçamento? A feitura de pequenas peças artesanais como pulseiras multicoloridas ou com pérolas (plásticas), brincos ou adornos para celulares pode ser

realizada também fora do ambiente da sala de aula e, certamente, as respectivas produções vão ser os futuros presentinhos quando da comemoração do aniversário de mais algum(a) integrante da turma.

Mas nem só de festas se vive num curso preparatório para o exame Celpe-Bras e, portanto, é preciso que os estudantes desenvolvam também a habilidade de escrita, algo que lhes será de grande valia no exame para o qual se preparam.

Ainda partindo das tirinhas da Mafalda, cuja temática recortada é “aniversário”, pode-se solicitar que os estudantes “pequianos” façam um convite para uma festa de 15 anos, por exemplo. Ou, então, pode-se levar um convite para eles, pedindo que parte da turma responda aceitando, com agradecimentos e outros detalhes mais, enquanto a outra parte vai recusar o convite, igualmente agradecendo, mas justificando a ausência.

Como o curso demanda/envolve várias habilidades, é importante que se possa motivar os estudantes em particularidades, que implicam diversidades no âmbito sócio-cultural e econômico, para que se tornem melhor preparados para a prova oral, por exemplo. Uma festa de 15 anos pode ser diferente, dependendo da classe social ocupada pela debutante, obviamente, e compete ao(à) docente trazer isso para as discussões em sala de aula. Como as turmas costumam ser bastante heterogêneas, é de grande valia que eles também informem como foi quando chegaram a essa idade: se teve festa, como é chegar a essa idade na cultura de cada um deles etc.

A diversidade de cada turma a cada ano pode propiciar excelentes surpresas, como o fato de se ter estudantes com habilidade artística, seja ela qual for. Deve-se igualmente explorar tais possibilidades, sobretudo quando houver momento oportuno, como é o caso de se levar o desafio de fazerem manualmente (sem recursos computacionais) uma história em quadrinhos, que pode partir da mesma temática: “aniversário”, conforme foi trazido no material da Mafalda, ou pode-se inovar, propondo-se-lhes algo diferente. Dependerá do desenvolvimento na compreensão da língua estudada e, também, do período do curso preparatório em que estiverem.

Mas o mundo contemporâneo é predominantemente tecnológico e fazer uma HQ de forma digital pode também vir a ser uma excelente proposta, sobretudo em uma escola tecnológica, que disponha de quantidade suficiente de computadores para que todos tenham sua criatividade livremente praticada, a partir de algum *software* mais adequado à prática.

Em Araújo e Santos (2016, p. 203) tem-se o emprego do Máquina de Quadrinhos; do Toondoo (p. 204); e do Pixton (p. 205), quando trabalharam com estudantes do Ensino Fundamental em uma escola pública em Fortaleza-CE. Pode-se apropriar da metodologia usada por tais autores para replicá-la com os estudantes “pequianos” e, ainda, observar o desempenho dos que não têm um bom domínio de ferramentas tecnológicas ou têm de forma limitada, aprendendo simultaneamente a língua portuguesa e o trabalho multimodal, e em equipe. Com isso, poderia ser respondida a pergunta retórica que esses autores fazem no início de sua discussão sobre “Oficinas de letramentos digitais e o desenvolvimento das operações linguísticas na produção de HQs digitais”, qual seja, “Como criar situações didáticas que fomentem o aprimoramento das operações linguísticas na produção escrita dos alunos?”.

Para além, pode-se selecionar nos exames orais pretéritos do Celpe-Bras⁷ todos os elementos provocadores, que trouxeram tirinhas ou mesmo uma HQ completa, como foi o caso de “Achados e Perdidos” do Almanaque da Turma da Mônica (do Maurício de Sousa) [2011-2; elemento provocador 7; p. 9 do “Roteiro de Interação Face a Face”], pedindo que, em pequenos grupos, façam uma análise dos elementos que conseguem perceber em comum com a tirinha da Mafalda. Pode-se levantar um questionamento quanto à ordem das palavras: por que não “Perdidos e Achados”? Não faz muito mais sentido?

A partir da análise feita pelos estudantes, características da construção de uma tirinha começam a ser discutidas. Momento oportuno para o ensino dos tipos de balões, o que irá auxiliá-los sobremaneira na leitura/interpretação de tirinhas futuramente.

Das páginas 122 a 124, Carvalho e Ribeiro (2018) trazem, respectivamente, as propostas de “Atividade 4: HQ da Mafalda” e “Atividade 5: Contexto histórico das HQ”, que se encontram inseridas no capítulo 7, voltado, especificamente, à sugestão de atividades. Entende-se que a partir da leitura de tais pontos, apresentados por elas, que eles possam ser perfeitamente adaptados à realidade do PEC-PLE e, por conseguinte, passíveis de um uso adequado nesse contexto, motivo pelo qual são destacadas tais atividades, somadas àquelas que foram trazidas anteriormente.

Ademais, tanto na p. 72 quanto na p. 132, Carvalho e Ribeiro (2018) explicitam os tipos de balão que são costumeiramente inseridos nas HQ. Replica-se, neste artigo, para que

⁷ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/acervocelpebras/acervo/>. Acesso em: 18 ago. 2026.

possa circular noutro suporte, o “Folheto explicativo sobre tipos de balão” (Carvalho; Ribeiro, 2018, p. 132), em face da relevância de tal conteúdo.

FOLHETO EXPLICATIVO SOBRE TIPOS DE BALÃO



IMAGEM 6 – Tipos de balão (em HQ).

Fonte: Carvalho; Ribeiro (2018, p. 132).

A imagem 6, trazida anteriormente, foi escaneada a partir da fonte explicitada e mostra sete (7) tipos diferentes de balão de HQ, bem como suas propriedades. Não se descarta, entretanto, a possibilidade de serem bem mais os tipos.

“Há gêneros do nosso cotidiano que são extremamente ricos em recursos linguísticos, textuais e discursivos que merecem ser pautados na sala de aula para a compreensão da prática comunicativa” (Carvalho; Ribeiro, 2018, p. 153), caso aplicável perfeitamente às HQ e, portanto, justifica-se a dedicação de uma (ou mais) unidade didática no material criado exclusivamente para os estudantes do PEC-PLE, no transcurso de seu preparatório para a

feitura do exame Celpe-Bras, já que as quatro habilidades (em se tratando de língua estrangeira o aprendizado do português por eles experienciado) deles serão exigidas no conjunto prova escrita e oral do exame em apreço. “A recorrência de imagens, a linguagem coloquial e, ainda, o fato de elas nos permitirem rememorar experiências lúdicas e prazerosas da nossa história de vida conferem às HQ o *status* de ser uma excelente ferramenta para a prática formativa” (Carvalho; Ribeiro, 2018, p. 154).

Passado um mês da chegada dos estudantes ao curso preparatório, pode-se usar tirinhas (Mafalda ou Turma da Mônica) nas quais se realizaria previamente o apagamento do teor verbal (supressão de texto) dos balões e, também, das narrações, pedindo-se aos estudantes que, a partir do não verbal, criem a história que imaginam para a composição da narrativa ali presente, contando apenas com os desenhos (o não-verbal).

Com o avançar do curso, pode-se partir para a retextualização, ou seja, com as tirinhas podem ser criadas, por exemplo, várias notícias para serem publicadas num jornalzinho que a turma compartilhará com a comunidade local e, quiçá, com a família acolhedora.

Depois desse reconhecimento do “território dos quadrinhos”, pode-se propor uma leitura de um clássico da literatura brasileira retextualizado em HQ, a qual poderão fazer no final de semana para apresentarem oralmente na semana consecutiva. Exemplifica-se com *O Guarani*, obra de José de Alencar, que foi adaptada e roteirizada por Ivan Jaf, cabendo a Luiz Gê roteiro (igualmente) e desenhos (2009), e cuja publicação foi pela Ática. Ou ainda no âmbito dos clássicos brasileiros, Monteiro Lobato em quadrinhos, trazendo a história de *Os doze trabalhos de Hércules*, cuja adaptação é de Denise Ortega, enquanto ilustrações trazem assinatura de Luiz Podavin (2018), pela Editora Globo. Somente depois desse percurso mais detalhado e que adentre os meandros da HQ, seria de bom tom levá-los à produção da própria tirinha e, quiçá, dentro de uma temática democraticamente eleita pelos próprios estudantes.

O resultado da produção de uma HQ realizada pelos próprios alunos não deve ficar adstrito ao espaço da sala de aula. Pode-se propor uma exposição no *hall* da instituição, para o compartilhamento com os demais integrantes da comunidade. Quem sabe com uma foto identificadora do(a) autor(a) dos quadrinhos/da tirinha, possibilitando-lhes uma maior interatividade com os demais estudantes e/ou professores? Afinal, os estudantes “pequianos” precisam conversar em português, já que é de conhecimento que alguns deles são privados dessa possibilidade no espaço externo à escola, por exemplo, no âmbito da habitação, onde

costumam se agrupar por país de origem e, por conseguinte, ali falam na língua comum, o que em muito os prejudica quanto ao desenvolvimento de uma fala autônoma em português, ou seja, a se tornarem cada vez mais aptos à interação face a face (a prova oral e que dura 20 minutos).

Considerações finais

Neste artigo foram trazidos alguns elementos práticos para uso potencial em um curso preparatório do PEC-PLE e, para tanto, foi feito, inicialmente, um recorte da temática “aniversário” a partir da HQ da Mafalda, propondo-se, a título de “quebra-gelo”, uma atividade envolvendo a cultura dos estudantes, momento em que suas línguas de alfabetização são valorizadas, permitindo-se-lhes protagonizarem a aula em vez de recebê-la passivamente.

O mesmo tipo de suporte, qual seja, HQ da Mafalda, versando sobre aniversário, também é apresentado na língua portuguesa. A cada imagem trazida, é feita uma breve descrição e análise, nos moldes ensinados por Carvalho e Ribeiro (2018).

É apresentada, ainda, a proposta de atividades distribuídas de forma cronológico-gradativa no curso preparatório ao exame Celpe-Bras. Destaca-se a importância de um trabalho com foco e direcionamento específicos e, também, algo que extrapola em certa medida, aquilo que é exigido no exame em apreço, pois há uma sugestão de feitura de uma HQ, de forma analógica ou tecnológica, o que não integra a proficiência em si, mas com ela contribui, a partir do aspecto de um aprendizado fixado em bases lúdicas e com a possibilidade de ensinar-aprendendo, ou seja, com reciprocidade entre os pares (professores-monitores) e, ainda, entre docentes e discentes, bem como entre estes últimos.

“Não obstante a compreensão do gênero HQ (constituição, funcionamento e circulação), através de seu ensino, poderá haver o aprimoramento da escrita e da leitura, corroborando para a ampliação da condição de letramento dos alunos” (Carvalho; Ribeiro, 2018, p. 154), o que se adequa ao objetivo maior com os estudantes “pequianos” e que se busca cotidianamente ver realizado.

A diversidade de práticas de cunho didático-pedagógicas foi para além do espaço da sala de aula e, ademais, se propôs, também, o desenvolvimento concomitante das quatro habilidades, algo que é imprescindível para o bom êxito no exame Celpe-Bras.

Quanto à atualidade da obra de Quino, o que por si só justifica o uso da tirinha da Mafalda, que seja visto em Bakhtin o porquê de por aquela se optar.

uma obra não pode viver nos séculos futuros se de certo modo não reúne em si também os séculos passados [...] não desse continuidade ao passado e não mantivesse com ele um vínculo substancial, não poderia viver no futuro. Tudo o que pertence apenas ao presente morre com ele (Bakhtin, 2017, p. 14).

A atualidade da obra de Quino se faz presente na mesma intensidade do potencial didático das tirinhas de sua personagem-menina. Atenta aos fatos, à natureza humana, aos conflitos da vida moderna e às diversas relações da vida dos homens, oferece um farto material para que aspectos culturais possam ser intercambiados, dinamizando não só o aprendizado do idioma português, como também as práticas de conversação. Importante que se lembre, com respeito, o termo criado por Paulo Freire (1996, p. 16) – *do-discência* – ensinar e aprender simultaneamente, pois também os professores aprendem com cada aluno, aumentando conhecimentos e experiências que serão aprimorados com as futuras turmas.

Na quarta capa do livro *As HQ chegam à escola*, de Carvalho e Ribeiro (2018), Fernanda de Castro Modl assim se expressa: “há ainda muitos aspectos silentes na relação entre conhecimentos teórico-metodológicos, didatização de saberes na e para a aula de língua(s), letramento(s), objetos de ensino e o modo como esses são (res)significados por professores e alunos no dia a dia interacional”, com o que se concorda, fazendo-se de fato a parte que compete ao(à) docente, que é fomentar a discussão a respeito, expandir propostas didáticas, auxiliar docentes, que apenas se iniciam na prática de cursos preparatórios de PEC-PLE, contribuir com ideias para a elaboração de uma ou mais Unidade Didática no âmbito do curso em apreço e, com isso, facilitar esse conjugar, que é unir teoria e prática num só texto, fato nem sempre perceptível de imediato entre os pares neófitos. Espera-se ter feito isso de forma didática e sem proselitismo.

Referências

ARAÚJO, Júlio; SANTOS, Leonel Andrade dos. Oficinas de letramentos digitais e o desenvolvimento das operações linguísticas na produção de HQs digitais. In: ARAÚJO, Júlio (Org.). *Gêneros e letramentos em múltiplas esferas de atividade*. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 195-216, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. São Paulo: Editora 34, 2017.

BRASIL. Decreto 11.923, de 15 de fevereiro de 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/decreto/d11923.htm. Acesso em: 16 ago. 2026.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. *Documento-base do exame Celpe-Bras*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020.

BRASIL. Portaria Interministerial MEC/MRE Nº 7, de 4 de junho de 2024. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-interministerial-mec/mre-n-7-de-4-de-junho-de-2024-563765846>. Acesso em: 16 ago. 2026.

CARVALHO, Ive Marian de. RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. *As HQ chegam à escola*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

JAF, Ivan (adaptação e roteiro); GÊ, Luiz (roteiro e desenhos). *O Guarani*. Obra de José de Alencar. São Paulo: Ática, 2009. (Clássicos brasileiros em HQ).

MOREIRA, Marco Antonio. *Aprendizagem significativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999c.

ORTEGA, Denize (adaptação); PODAVIN, Luiz (ilustração). *Os doze trabalhos de Hércules*. Obra de Monteiro Lobato. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2018.

QUINO. *Mafalda: nesta família não há chefes*. Tradução Mônica Stahel, Fernanda Lobo. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2022.

SCHLATTER, Margarete; GARCEZ, Pedro de Moraes. Educação linguística e aprendizagem de uma língua adicional na escola. In: *Referenciais curriculares para o ensino de língua espanhola e língua inglesa*. Rio Grande do Sul: Secretaria de Educação do Estado, p. 127-172, 2009. Disponível em: https://servicos.educacao.rs.gov.br/dados/refer_curric_vol1.pdf. Acesso em: 16 ago. 2026.

MAFALDA INGRESA AL “PEC-PLE”

RESUMEN: Este artículo aborda el uso de los cómics de Mafalda (Quino), un género textual elegido en más de un idioma, inicialmente para el desarrollo de actividades integradas en Unidades Didácticas (UD) dentro del curso preparatorio para el Programa de Acuerdo Estudiantil de Portugués como Lengua Extranjera (PEC-PLE), dirigido a quienes se presentarán al examen de Celpe-Bras. Con el objetivo de garantizar el éxito de los estudiantes del PEC, los docentes los preparan de manera equitativa en las cuatro destrezas en las que serán evaluados, las cuales les serán exigidas para alcanzar un nivel Intermedio (mínimo) para obtener la certificación. Metodológicamente, algunas actividades son sugeridas – con temática de cumpleaños – dentro del universo de los cómics/tiras cómicas de Mafalda, y a partir de este punto, se proponen algunas vías para abordar la diversidad en la enseñanza y el aprendizaje de este grupo específico, abarcando espacios tanto internos como externos a la institución anfitriona. El aprendizaje significativo (Moreira, 1999c), el documento base del examen Celpe-Bras (Brasil, 2020) y el uso de cómics en las escuelas (Carvalho; Ribeiro, 2018) son algunas de las contribuciones teóricas, con una discusión respectiva de los resultados de esta apropiación dentro del ámbito de PEC-PLE. Por lo tanto, didáctica, creativa y lúdicamente, los docentes, desde los primeros días de contacto con el público específico, pueden utilizar en el planeamiento de sus clases la UD propuesta, para alcanzar un aprendizaje exitoso.

PALABRAS CLAVE: Programa de Acuerdo Estudiantil de Portugués como Lengua Extranjera, cómic, curso preparatorio, Celpe-Bras.